



Pesquisa-ação no jornalismo infantojuvenil: o podcast Radinho BdF

Juliana Doretto¹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: Produzido pelo grupo de comunicação Brasil de Fato, o Radinho BdF é um programa semanal, de cerca de 30 minutos, voltado às crianças e aos seus cuidadores. Produzido desde abril de 2020, o formato aborda um tema em sua reportagem principal, além de trazer brincadeiras, contação de histórias, músicas e receitas. Este trabalho apresenta os desdobramentos de uma proposta de pesquisa-ação (entendida como aquela que procura modificar a experiência social) na produção do programa: por meio de um processo de assessoria, estabeleceram-se debates semanais com uma das realizadoras, com propostas de novas abordagens e rotinas produtivas, além de medidas de auxílio na obtenção de fontes. Como resultados, notou-se uma inflexão no direcionamento do programa, com a inclusão de mais vozes de crianças.

Palavras-chave: jornalismo infantil; infância; rádio; podcast; Radinho BdF.

1. Introdução

“Começa agora o Radinho BdF, uma produção da Rádio Brasil de Fato.” Assim se inicia o podcast destinado a crianças produzido pela rede Brasil de Fato (BdF), formada por um site de notícias, uma radioagência, e por jornais no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em São Paulo, no Paraná e em Pernambuco. Segundo o site da organização², “movimentos populares criaram o Brasil de Fato [em 2003] para contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em

¹ Professora e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de Nova de Lisboa. E-mail: jdoretto@gmail.com

² Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/quem-somos>>. Acesso em 25 jul. 2020.

nosso país”, entendendo que a democratização dos meios de comunicação é fundamental para esse processo reflexivo e dialógico.

O Radinho Bdf surge em 1º de abril de 2020, 17 anos depois do início das atividades do grupo. O programa é transmitido às quartas, às 9h, na rádio on-line³ Brasil de Fato e também na Rádio Brasil Atual, que é mantida por entidades sindicais da região metropolitana de São Paulo e que chega também à baixada santista e ao noroeste paulista. No texto⁴ que acompanhou a primeira edição do programa, Beatriz Pasqualino, uma das jornalistas responsáveis pelo formato e que faz parte da direção do BdF, “explica que o Radinho foi idealizado a partir de uma reflexão de como o Brasil de Fato pode ajudar a população, em especial mães, a lidar com este período de quarentena”. Em entrevista, ela diz que:

“Em tempos de coronavírus e filhos em casa, pensamos em um programa infantil que divirta as crianças e os cuidadores delas. E tudo isso com conteúdos que valorizem a cultura popular e que envolva os pequenos em programação de rádio, já que há muita carência de conteúdo para elas nesse veículo”.

A mesma apresentação afirma que se trata de um “programa de muita brincadeira, contação de história e dicas importantes para o *cuidado familiar*”, que “a voz que apresenta o programa é da jornalista *e mãe* Camila Salmazio” (grifos nossos), e que “assim como os demais conteúdos, o Brasil de Fato disponibiliza o programa Radinho BdF de forma gratuita para rádios comunitárias, rádios poste e outras emissoras que manifestarem interesse em veicular o conteúdo”. Ou seja, fica clara a ligação do programa com os responsáveis pelas crianças, bem como a ideia de democratização da informação produzida, que parece tão cara ao Brasil de Fato. O roteiro dos episódios traz sempre uma reportagem principal, com entrevistas com especialistas e crianças; músicas (infantis ou não) relacionadas ao tema explorado nessa pauta; e diferentes seções, como a explicação de uma brincadeira ou de uma receita e contação de histórias. Essas partes podem abordar ou não assuntos relacionados à temática da matéria que é o carro-chefe da edição.

³ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/radioagencia>>. Acesso em 25 jul. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/01/ouca-a-estreia-do-programa-radinho-bdf-para-criancas-e-familias-1>>. Acesso em 25 jul. 2020.

A imagem de divulgação da estreia também reforça esse caráter familiar do programa, ao trazer o desenho de pais e filhos (Figura 1):

Figura 1: imagem de divulgação da estreia do programa



Fonte: Reprodução/brasildefato.com.br

Este artigo tem o objeto de descrever e problematizar um processo de pesquisa no podcast Radinho BdF, ocorrido no primeiro semestre de 2020, que teve o objetivo de aprimorar a comunicação com as crianças que é proposta pelo formato, a partir das dificuldades encontradas pela redação para produzir conteúdos jornalísticos direcionados ao público infantojuvenil (em relação a temáticas, abordagens e linguagens). E aqui entendemos a pesquisa-ação segundo a compreensão de Tripp (2005), que a vê como um processo que segue metodologias da investigação científica tradicional para definir as ações que serão tomadas para melhorar práticas sociais. Desse modo, trata-se de um campo constituído por características tanto da pesquisa científica quanto das rotinas produtivas ou de ação social e que pede ações nessas duas áreas. Assim, a prática é modificada pela pesquisa, mas esta última também é alterada por conta dos contextos e da ética que advêm da primeira.

A prática tende a ser uma questão de reagir eficaz e imediatamente a eventos na medida que ocorram e a pesquisa científica tende a operar de acordo com protocolos metodológicos determinados. A pesquisa-ação fica entre os dois,

.....

porque é pró-ativa com respeito à mudança, e sua mudança é estratégica no sentido de que é ação baseada na compreensão alcançada por meio da análise de informações de pesquisa (TRIPP, 2005, p. 448).

Nesse sentido, Tripp diz ainda que a pesquisa-ação não é atórica, mas vale-se de estudos científicos para compreender melhor os cenários e as situações com as quais trabalha e, assim, propor ações mais eficazes para a solução do problema encontrado e também avaliar de modo mais complexo os resultados obtidos. Por conta disso, iremos primeiramente debater a produção e a recepção radiofônica jornalística para crianças no Brasil contemporâneo no tópico a seguir.

2. Rádio, jornalismo e infâncias brasileiras

A observação de uma das diretoras da rede Brasil de Fato, Beatriz Pasqualino, sobre a necessidade de criar um programa para auxiliar as crianças e seus cuidadores durante o período de isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 parece encontrar ressonância no mercado da comunicação brasileiro. Reportagem publicada no site da revista Exame em 8 de abril de 2020, de autoria de Guilherme Dearo, mostra o crescimento dos formatos voltados para os pequenos na chamada “quarentena”, em que o distanciamento físico surge como forma de controlar a transmissão do novo coronavírus, causador da doença. O texto traz estudo da plataforma de *streaming* Deezer, que demonstrou o aumento de 218% no consumo de podcasts de conteúdo infantil. Esse processo acompanhou o crescimento da audição de rádio como um todo na plataforma: “A necessidade de ouvir mais rádio, de modo a se manter informado, fez com que o consumo de rádio na Deezer crescesse globalmente 19% nas últimas duas semanas. Podcasts também começaram a ser mais ouvidos, principalmente aqueles que têm como tema crianças, esportes e meditação” (DEARO, 2020). A pesquisa foi realizada entre 2 e 22 de março de 2020, na Itália, na França e no Brasil.

Sobre o consumo de rádio por crianças para além do *streaming*, Weigelt e Röhler (2018) trazem dados de uma pesquisa de 2015, chamada de Mídia Dados, que mostra que, entre os entrevistados que tinham de 10 a 14 anos, 49% ouviam rádio. Nos adolescentes (de 15 a 19 anos), o número subia para 59%. Informações mais antigas vêm de Ribeiro (2016), com pesquisa brasileira realizada em 2003 pelo Instituto MultiFocus,

em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba, que ouviu 1.500 crianças. “O instituto constatou que 86,5% das crianças de 6 a 11 anos, das classes A, B e C, escutam rádio regularmente; e que quase metade delas escolhe pessoalmente as emissoras”. Ainda que não se saiba muitos detalhes sobre a metodologia usadas nas investigações e, por conta disso, se possa questionar a representatividade dos dados, é possível perceber que as crianças são de fato uma parte da audiência radiofônica.

Ribeiro (2016b), nos resultados de seu doutorado, concretiza esses dados expostos por ela anteriormente em uma pesquisa de recepção com crianças do Rio de Janeiro e de Niterói. A pesquisadora entrevistou 26 meninas e 20 meninos, entre 6 e 11 anos, de diferentes classes sociais, entre 2013 e 2014. Entre suas preocupações estava a tentativa de compreender se entrevistados ouviam rádio e se o faziam porque outra pessoa ligava o aparelho ou se isso era um interesse seu; ou ainda se as crianças prestavam atenção ao conteúdo que escutavam.

No mapeamento, viu-se, em primeiro lugar, que 42 das 46 crianças tinha alguma relação com o rádio, ainda que mais superficial. Sobre as notícias radiofônicas, que é o tópico que mais nos interessa aqui, a pesquisa mostrou que 20 das 46 crianças disseram ouvir ou ver notícias na TV (11 entrevistados) ou no rádio (12 crianças). Os dados revelam ainda que as crianças associavam a palavra “jornal” sobretudo à TV e que apenas metade dos ouvidos gostava de escutar o conteúdo, ainda que alguns deles dissessem que tinham dificuldade para entender o que ouviam ou viam. Nesse ponto, é importante destacar que esse conteúdo noticioso acessado pelas crianças é, em grande parte, não direcionado a elas, tendo em vista a pouca produção noticiosa voltada para os pequenos no Brasil em diversas plataformas, como temos demonstrado ao longo do nosso trabalho (DORETTO, 2014) e como ressaltou ainda Beatriz Fialho no texto de apresentação do Radinho BdF. Nesse sentido, Ribeiro (2016b, p. 8) afirma que

Em geral a produção brasileira de recursos em áudio ou rádio para crianças e, poderia dizer, a produção audiovisual para crianças, não se preocupa em promover a divulgação de notícias ou informativo para elas. Cabe lembrar aqui de Walter Benjamin, que produziu uma série de programas radiofônicos destinados a discutir com as crianças as questões de seu tempo. Atualmente, a School Radio da BBC produz informes de questões contemporâneas voltados

para crianças. Na Rádio MEC AM⁵ há também um programete de cinco minutos “Perguntar e pensar”, destinado ao público infanto-juvenil com destaque para questões de comportamento; segundo a descrição do programa, ele aborda “questões psicanalíticas infanto-juvenis”. O programa é produzido em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Em relação ao consumo de rádio de modo genérico, o estudo mostra o que a literatura na área vem afirmando nos últimos anos (DORETTO, 2015; NIC.br, 2019) em relação ao acesso e apropriação das mídias por crianças: a mediação familiar é fundamental para o estabelecimento das rotinas midiáticas dos pequenos. É ouvindo o aparelho por meio dos hábitos de outros familiares que a maior parte das crianças passa a se envolver com essa mídia. Além disso, conforme crescem, elas acabam estabelecendo seus próprios modos de consumir o rádio. Isso porque os entrevistados mais velhos ou que têm irmãos adolescentes reportaram um uso mais individualizado dessa mídia, que se foca em emissoras associadas ao público jovem. Enquanto isso não acontece, o rádio ainda é considerado algo “adulto”, mas que pode se tornar interessante, de acordo com o conteúdo ouvido (essa escuta, aliás, é sobretudo em casa, e também no carro, no caminho entre escola e casa, por exemplo). Nesse sentido, as músicas aparecem como a programação que mais agrada às crianças, mas esse gosto musical não é formado de modo estrutural pelo rádio, pois recebe bastante influência da igreja, da TV e da família.

Para as crianças que compartilham o hábito com os adultos, o rádio é mais facilmente apropriado quando faz parte intensamente de seu cotidiano familiar, e conforme alguns de meus entrevistados me disseram, essa cotidianidade faz com que acabem por gostar do veículo – “gosto por que me acostumei”. Ele se torna divertido, interessante e positivamente significativo quando essa escuta é compartilhada positivamente com um adulto ouvinte, ou quando toca um repertório que previamente já faz parte do universo de interesses da criança (RIBEIRO, 2016b).

Ainda sobre a produção radiofônica jornalística para crianças, Custódio e Maciel (2020) falam de dois programas. O *Mambembeiro* era transmitido até 2018 pelas rádios Nacional da Amazônia e Nacional de Brasília, e seu acervo pode ser ouvido no portal da Empresa Brasil de Comunicação. O formato trazia reportagens, notas, séries dramáticas e entrevistas. Entre os temas trabalhados estavam assuntos como valorização da classe artísti-

⁵ A rádio foi encerrada em 2019, pelo governo de Jair Bolsonaro.

ca, imigrações e assédio sexual. Já o Unespinha, “o programa da criança”, é transmitido, aos domingos de manhã pela Rádio Unesp FM, em Bauru (SP), e pelo site da emissora. Trata-se de uma revista radiofônica semanal, com pautas diversas, que cobrem sobretudo datas comemorativas e eventos na cidade, mas que também traz temáticas atemporais, como morte. O formato explora pautas educativas, como curiosidades científicas, natureza e língua e literatura.

Em suas análises, as autoras mostram que os programas trabalham com o gênero jornalístico apenas de maneira parcial (no caso do Unespinha, há apenas notas, por exemplo) — do mesmo modo que o Radinho BdF, o que as autoras chamam de gênero especial. Além disso, ainda que haja o esforço de ampliar o conhecimento das crianças, os formatos requerem aperfeiçoamentos no modo como interagem com os ouvintes. Há por vezes um tom excessivamente alegre (como se as crianças estivessem ou tenham de estar sempre contentes, numa idealização dessa etapa de vida), uso de diminutivos e simplificação dos assuntos:

[...] falta um pouco mais de arrojo na produção de vinhetas e textos (principalmente no caso do Unespinha), maior participação da criança na produção e uma abordagem mais espontânea e menos mimetizada

[...] Ainda que seja possível trabalhar conteúdos que frequentam a programação geral, é aconselhável que isso seja feito com inventividade e se aproximando o máximo possível do universo de discurso da criança, de maneira a despertar sua curiosidade e interesse pelos assuntos, respeitar sua inteligência e estimular sua sensibilidade. (CUSTÓDIO; MACIEL, 2020, p. 354)

Por fim, o trabalho de Weigelt e Röhsler (2018, p. 12) também foi uma pesquisa de recepção, com 20 crianças entre 8 e 10 anos de idade da cidade gaúcha de Venâncio Aires, de zonas rurais e urbanas. O trabalho organizou a escuta de um programa de rádio com os participantes: o Redação RVA, síntese noticiosa veiculada ao vivo de segunda a sexta pela Rádio Venâncio Aires AM 910. Os participantes escutaram a edição do dia 17 de abril de 2017, e os investigadores lhe perguntaram sobre seus entendimentos das notícias, além de mapearem seus hábitos de escuta do rádio. Como resultados, notou-se, assim como o trabalho de Ribeiro (2016b), que a audição radiofônica se dá sobretudo pela mediação adulta, de acordo com a rotina estabelecida nas famílias. Cerca de um quarto dos entrevistados da cidade disse que em suas casas a programação mais ouvida é a jornalística, enquanto no campo esse número sobe para mais de 50%, ressal-

tando a importância desse veículo para a rotina noticiosa desse grupo, que tem mais dificuldades em acessar algumas outras fontes de informação. Na escuta do programa, as crianças urbanas debateram mais sobre a notícia que envolvia política, pois reconheceram as figuras abordadas, e as do campo falaram sobre a narrativa que abordava a área da saúde.

Nas conclusões, os autores destacaram que, apesar do processo de convergência midiática, que faz o rádio estar presente também nas mídias on-line, esse meio de comunicação ainda é mais associado à materialidade do aparelho: “Mesmo podendo usar seus eletrônicos com certa liberdade, poucos sabem, por exemplo, que é possível ouvir rádio pela internet. A maioria das crianças nessa pesquisa desconhece que através do celular podem baixar aplicativos ou acessar sites de rádios que ouvem tradicionalmente pelo aparelho” (WEIGELT; RÖHSLER, 2018, p. 15).

Os trabalhos apresentados acima também destacam a falta de iniciativas das emissoras em produzir programas para as crianças, buscando atrair o público infantojuvenil para a escuta radiofônica. Segundo Ribeiro (2016b), a premissa de que os meninos e as meninas não são interessados em produções midiáticas de áudio, justificam “a falta de investimento em projetos de radiodifusão para o público infanto-juvenil; bem como a ausência de uma política que incentive produções em áudio com finalidades educativas; ausência de controle sobre os conteúdos ofertados; ausência de preocupação das instâncias formadoras com estes conteúdos”. O Radinho BdF surge, então, como uma exceção nesse cenário, como veremos a seguir.

3. Pesquisa-ação no Radinho BdF

Pelo exposto no tópico acima, é possível compreender que o podcast para crianças da rede Brasil de Fato é, portanto, uma iniciativa pouco comum na programação radiofônica brasileira, ainda que seu caráter inicial não seja o de uma produção voltada apenas para as crianças, mas para grupos familiares. Seu formato de podcast, para além da exibição convencional em uma emissora, permite ainda que públicos de outras regiões do país acessem a produção (ainda que, pelo que vimos anteriormente, essa audição

tenha provavelmente de ser estimulada por adultos). O *podcasting*⁶, segundo Vicente (2018, p. 97), “refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc.” Ainda de acordo com o autor, por conta dessas condições, o formato se diferencia das produções radiofônicas convencionais, pois perde-se a ideia de instantaneidade, tão cara ao rádio, e propiciam-se novas formas de escuta.

Assim, também nesses termos, o podcast parece se afastar do rádio convencional estabelecendo com ele uma relação de complementaridade: enquanto este pode preencher com músicas e notícias parte do dia de seus ouvintes, o podcast pode propor outra relação de escuta e, de um modo geral, uma variedade muito mais ampla de programação e um nível mais complexo de experimentação sonora (VICENTE, 2018, p. 105).

Nosso primeiro contato com o Radinho Bdf deu-se por conta de uma mensagem enviada por uma das jornalistas produtoras do programa, Mayara Paixão, à lista de e-mails da Associação de Jornalistas de Educação, da qual ambas fazemos parte. Na mensagem, de maio de 2020, ela divulgava esse e outro programa de rádio produzido pelo Brasil de Fato ligados à educação e pedia sugestões para o desenvolvimento do projeto. Assim, entramos em contato com a repórter, disponibilizando-nos a ajudar o programa como achassem necessário, por conta do nosso interesse de pesquisa e do nosso grande envolvimento com o tema. A repórter se interessou pela possibilidade de enviarmos sugestões de pautas e de entrevistados, e assim fizemos. Porém, o primeiro contato mais efetivo se deu cerca de dez dias depois, quando fui entrevistada como especialista para um programa intitulado “Jornalismo também pode (e deve) ser coisa de criança”, que abordava, de algum modo, uma das pautas que havíamos sugerido em nosso primeiro e-mail.

Dessa primeira colaboração surgiu a ideia de que acompanhássemos mais de perto a produção do programa, oferecendo auxílio com temáticas, abordagens e linguagens, de modo a não subestimar as capacidades das crianças. Eram itens que apresentavam dificuldades na rotina de produção do programa, tendo em vista que a equipe não contava com especialistas na elaboração de conteúdos infantojuvenis. A parceria foi

⁶ O autor prefere deixar o termo podcast para se referir a programas específicos.

oficializada no programa de número 10, no qual o texto de apresentação passava a indicar que o programa “conta com aconselhamento de Juliana Doretto, professora da PUC de Campinas que estuda como as crianças e jovens aparecem nas notícias”. Estabeleceu-se então uma rotina de trabalho: a avaliação de cada programa seria feita a partir de uma troca de visões entre nós e Mayara Paixão (que nos transmitiria as percepções da equipe e que também informava aos colegas as conclusões de nossas conversas). Na mesma ocasião, falaríamos sobre as possíveis formas de condução das futuras pautas (sempre escolhidas pela redação, sem nossa interferência na escolha final, ainda que também possamos sugerir temas). Nossa ajuda poderia ainda incluir a sugestão de fontes a serem entrevistadas nas reportagens (tanto crianças quanto especialistas), além da indicação de profissionais para as seções do programa, como contação de histórias, brincadeiras e receitas. Deu-se início, então, a um projeto de pesquisa-ação:

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados (BALDISSERA, 2001, p. 6).

A autora, remetendo a João Bosco Pinto, divide a metodologia dessa modalidade de pesquisa em algumas fases. De modo geral, há o *momento de investigação*, em que se recorta a área a ser trabalhada e levantam-se dados sobre ela; o da *tematização*, em que se faz uma reflexão teórico-crítica sobre os fatos que se vai pesquisar; e o da *programação/ação*, que classifica os problemas levantados, estabelecendo prioridades, e planeja ações e as avalia. Esse novo conhecimento será então apropriado pela população estudada: “A pesquisa-ação, como uma forma de investigação-ação, é um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para mais melhora no seguinte” (TIPP, 2005, p. 454).

Em nosso caso, após a exposição do problema pela própria redação – dificuldades na escolha de temas e abordagens e linguagens na produção do jornalismo feito para crianças –, realizamos a análise abrangente dos programas realizados até então, de modo a levantar possíveis pontos a serem mais bem desenvolvidos. Além disso, conversas

com a jornalista/produtora Mayara Paixão possibilitaram que se conhecessem os detalhes das rotinas produtivas, como as formas utilizadas pela redação para encontrar fontes e profissionais que auxiliam na elaboração das seções (o que remete ao momento da investigação). Ao mesmo tempo, partimos para o estudo mais aprofundado de textos científicos que abordassem a produção e a recepção radiofônica pelas crianças (o que seria, de acordo com a metodologia exposta acima, o momento da tematização).

Partiu-se então para a programação/ação, a partir das rotinas de conversas que estabelecemos com uma das profissionais que realiza o Radinho, conforme descrevemos acima. Esse contato sempre se dá por telefone, em mensagens ou áudios de WhatsApp ou por chamadas de áudio. O primeiro ponto que debatido foi a definição do público ouvinte. Apesar da ideia inicial de falar também com os cuidadores das crianças, a redação já havia percebido que a narrativa ficava por vezes confusa, pois alguns trechos do roteiro se destinada aos adultos (como entrevistas com especialistas, como professores de educação física, psicopedagoga ou uma professora de literatura) e outros às crianças (como as histórias, brincadeiras e receitas). Reforçamos então a escolha, que já estava sendo desenhada pela redação, em falar apenas com as crianças. E isso inclui as mais jovens: por conta da linguagem sonora, que prescinde da alfabetização, o Radinho BdF pode conseguir falar mesmo com uma criança de cinco ou seis anos. Isso não implica, por sua vez, que os adolescentes não serão ouvidos como personagens das matérias, tendo em vista que suas rotinas e experiências possam também se aproximar às das crianças. No entanto, estabeleceu-se que, quando o forem, a reportagem deve estimular que a fala deles seja bastante clara, para que os meninos e meninas menores compreendam o que dizem. Esse caminho começou a ser trilhado a partir da edição 7 do programa, quando tínhamos conversas informais com a redação, e se fortaleceu a partir daí.

Sabe-se, pelos estudos analisados anteriormente, da importância da mediação parental no acesso a conteúdos radiofônicos, e isso certamente se dá com o Radinho BdF. Mas entende-se que se trata de um formato que deve ser pensado, em todos os aspectos, para o público infantil, e que os cuidadores que escutarem o programa junto de suas crianças também poderão usufruir da atração, descobrindo mais sobre diferentes aspectos da realidade tratados a partir da perspectiva infantil e conhecendo produções culturais a elas destinadas, mesmo que o formato não tenha sido realizado para eles.

Além disso, debateu-se também a importância da escuta de um número sempre grande de crianças na principal reportagem do programa (mas não só), de forma a dar protagonismo a elas no roteiro. Essa matéria, aliás, pode abordar diferentes temas, ligados à natureza (como água e geração de alimentos), ao comportamento infantil (a convivência com os irmãos, os sonhos que elas têm ao dormir), à cultura e ao esporte (rock, futebol, festas juvenis) e a diferentes aspectos sociais (racismo, protagonismo feminino, povos latino-americanos). Esse aspecto já fazia parte do projeto do Radinho e vem sendo fortalecido no processo de pesquisa-ação, já que reforçamos o acerto desse posicionamento e orientamos na abordagem de pautas que trazem mais desafios à redação, como racismo ou as vivências das crianças indígenas (o protagonismo infantil é sempre o modo que guia a condução de todas essas temáticas, como temos defendido em nosso trabalho; DORETTO, 2015).

Para ampliar as entrevistas com crianças, auxiliamos a produção com a formação de uma rede de fontes, por meio do contato com diretoras de escola e com profissionais que trabalham com o universo da infância e que são de nossa rede de contatos. Além disso, o Brasil de Fato tem grande ligação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e, por conta disso, a participação de crianças de diferentes assentamentos, distribuídos pelo país, é uma constante do programa, trazendo variados sotaques e vivências diferentes das dos meninos e meninas urbanas (que é um aspecto muito positivo do programa).

Nesse sentido, notou-se um gargalo na produção, a ser solucionado a cada edição: a importância de incluir todos os depoimentos recolhidos, tendo em vista as expectativas geradas nas crianças após a realização de entrevistas. Num programa com duração fixa de meia hora, nem sempre é fácil articular todas as falas coletadas, mas entende-se que os discursos infantis devem sempre ser priorizados. Nesse sentido, mesmo crianças mais tímidas devem ter vez no programa, ainda que seja preciso um processo maior de edição de suas falas. A inclusão de mais vozes infantis ao longo dos episódios produzidos proporcionou, em nossa opinião (e o “nós” aqui se refere também à redação), um claro aprimoramento do ritmo do programa, e uma rica diversidade nas perspectivas abordadas nas pautas: “Estávamos avaliando hoje e é isso: as crianças não só são público-alvo

do programa; elas são também aqueles que fazem o programa”, nos disse Mayara Paixão, em nosso diário de pesquisa.

A ideia, aliás, é sempre que possível trazer o discurso recolhido durante as conversas com as crianças, evitando que elas leiam informações ou pareçam ter uma performance ensaiada em suas aparições, evitando o que seria apenas uma mimetização da participação infantil – já que ela seria controlada pelos adultos –, conforme apontam Custódio e Maciel (2020).

Alguns outros pontos que sugerimos ou reforçamos, e que estão sendo incorporados ao longo da produção dos programas são: a escuta de especialistas que possam explicar/contextualizar os temas abordados nas reportagens principais, de modo que a matéria não se resume às experiências infantis, ainda que esse seja sempre o destaque; a necessidade de explicar às crianças os “ganchos” dos temas a serem trabalhados nessas matérias, reforçando o caráter jornalístico do programa (ponto problemático do jornalismo infantojuvenil, como já apontamos; DORETTO, 2014); a importância de trazer os nomes e sobrenomes das crianças entrevistadas no roteiro do programa, de modo a respeitá-las em um dos elementos mais importantes de sua identidade; a necessidade de sempre buscar receitas e brincadeiras que possam ser bem compreendidas com as explicações em áudio, bem como executadas pelas crianças mais novas; o estímulo da participação das crianças ouvintes, por meio de envios de áudios pelo WhatsApp do programa (o que aconteceu poucas vezes, mas a ideia nesse ponto é fomentar essa cultura); a necessidade de explicar termos de difícil compreensão que possam aparecer no roteiro; a importância da sonorização das histórias, para auxiliar as crianças a imaginar a narrativa que está sendo contada; e a atenção com uso excessivo de diminutivos e com o tom excessivamente alegre das narrações, evitando a mimetização de uma imagem estereotipada da criança (CUSTÓDIO; MACIEL, 2020). A cada edição, esses e outros elementos são avaliados por nós e pelo contato que temos na equipe de produção (Mayara Paixão deixou a redação em julho, mas o trabalho continua, com outras profissionais). Ao mesmo tempo, são realizadas novas observações, referentes a aspectos até então não identificados, completando o ciclo esperado para a pesquisa-ação: “O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão

também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu” (TRIPP, 2005, p. 454).

As principais dificuldades encontradas até aqui para a produção do programa, de modo a concretizar os planos definidos nas reflexões sobre o formato, são encontrar fontes adultas que se comuniquem bem com as crianças; vivenciar as mudanças na equipe, causadas por férias, por exemplo (já que se trata de um trabalho especializado); e enfrentar a complexidade de certos temas na elaboração final do roteiro, de modo que os textos tenham bom ritmo e, ao mesmo tempo, sejam compreensíveis às crianças. De todo modo, a imagem de divulgação do programa de 10 de junho ilustra bem as mudanças realizadas no Radinho Bdf e demonstra como o formato já realizou inflexões importantes nos seus modos de se comunicar com as crianças: o desenho da família dá lugar à representação de duas crianças, que protagonizam o cartaz:

Figura 2: imagem de divulgação do programa de 10 de junho



Fonte: Reprodução/brasildefato.com.br

Trata-se, portanto, de um projeto cujos resultados são colhidos a cada semana, e que é retomado também a cada sete dias, num processo contínuo de pesquisa e aperfeiçoamento. Espera-se assim que a atuação da pesquisadora possa, como vem acontecendo, alterar a prática da produção radiofônica e, por sua vez, que os aspectos pragmáticos das rotinas jornalísticas também possam modificar a pesquisa, também como está ocor-

rendo, sempre com o objetivo de oferecer um melhor jornalismo às crianças ouvintes do Radinho Bdf.

4. Considerações finais

As crianças ouvem rádio no carro, no caminho da escola para casa; em casa, junto com pais, avós e irmãos, e também sozinhas, de acordo com seus interesses (ainda que isso tenda a acontecer mais no período da pré-adolescência). A literatura mostra também que, quando escutam a programação, usufruem das músicas tocadas, ou conhecem um pouco mais sobre sua cidade ou país (ou sobre o mundo), ouvindo o jornalismo em áudio. Nenhum desses conteúdos, no entanto, é produzido para elas. Os meninos e as meninas ouvem canções adultas, ou escutam notícias cuja linguagem é pensada para os mais velhos (e por isso muitas vezes nem compreendem o que escutam). O Radinho Bdf é um dos poucos projetos radiofônicos jornalísticos no Brasil que tem como público as crianças, e seu formato de podcast permite que um público vasto possa acessar seu conteúdo.

Num projeto de pesquisa-ação, ainda em continuidade, tem-se o objetivo de criar intercâmbios mais sólidos entre a pesquisa acadêmica e as rotinas produtivas, de modo a conseguir criar narrativas que possam estimular a criatividade das crianças, respeitar sua figura como sujeito de direitos (que pensa e organiza o mundo, de acordo com o seu desenvolvimento físico e mental), e propagar a ideia de que a ação cidadã das crianças não se dá no futuro, quando crescerem, mas começa agora, já que são participantes da vida em sociedade. Os resultados apresentados até agora reforçaram o protagonismo infantil no programa, bem como a preocupação em não subestimar as capacidades e os interesses das crianças. O “radinho” do título não deve fazer do programa algo menor, mas, ao contrário, mostrar como um programa para crianças pode se tornar exemplar na produção de narrativas jornalísticas que possam, como dizem Kovach e Rosenstiel (2003), fornecer as informações que os cidadãos, incluindo os meninos e meninas, necessitam para serem livres

Referências

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.

CUSTÓDIA, Michele L.; MACIEL, Suely. Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil. **Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo**, São Paulo, ano 10, v. 2, edição 22 – Julho-Dezembro de 2020.

DEARO, Guilherme. Novo estudo da Deezer mostra que consumidores ouvem mais rádio e podcast e mudam horários para ouvir música. **Exame**, São Paulo, 8 abr. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/casual/com-quarentena-publico-muda-consumo-de-musicas-e-podcasts/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

DORETTO, J. **Fala conosco!:** o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil. 264 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

DORETTO, Juliana. “Jornalismo para a infância: uma proposta de definição”. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, Niterói, n. 30, p. 59-72, ago. 2014.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

NIC.BR - NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (Ed.). **TIC Kids Online Brasil 2018:** Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

RIBEIRO, Adriana. “Criança ainda ouve rádio?”. **Revista Pontocom**, 19 out. 2016. Disponível em <<http://revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>>. Acesso em 22 de jul. 2020.

RIBEIRO, Adriana. A criança em situação de escuta – uma aproximação à audiência infantil de rádio. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...** São Paulo, setembro 2016b.

TRIPP, David. Pesquisa-ação. Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n. 3, p.443-466, set./dez. 2005.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: [S.l: s.n.], 2018. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002906541.pdf>

WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Veridiana. “Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” – O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 2, p. 09-28, jul./dez. 2018.